



ARKIN, William M. *Divining Victory: airpower in the 2006 Israel-Hezbollah war*. Maxwell Air Force Base: Air University Press, 2007. Disponível grátis em forma impressa ou eletrônica: <http://www.au.af.mil>. AUPress.

Divining Victory examina, com rigor científico, como se desenvolveu o processo de tomada de decisões, as consequências do emprego de forças armadas e os ensinamentos colhidos com o conflito armado desencadeado no Líbano em 2006, entre as Forças de Defesa de Israel [Israel Defense Forces-IDF] e o Partido Radical Islâmico Hezbollah. O livro está repleto de citações a documentos oficiais em referência à fontes primárias, tabelas de organização de forças e equipamento, lista de alvos, relações de registro de danos infligidos e precisa cronologia que apresenta um retrato minucioso da guerra.

O Doutor Arkin explora, por sua vez, dois mitos surgidos em 2006, acerca da Força Aérea Israelense (FAI). O primeiro diz respeito à crença de que Israel costuma, indiscriminadamente, bombardear populações e infraestrutura civil. O segundo retrata a veemência dada à FAI em detrimento à Força Terrestre e das demais capacidades bélicas, fato comprovado por Arkin. Ademais, o autor defende a premissa de que o poder aéreo foi o “que perdeu” nos trinta e quatro dias de assimetria vivenciada durante a invasão do território libanês em 2006. Salienta que houve uma “Vitória de Pirro” naquele abreviado conflito armado. Comenta acerca do erro crasso israelense de primar pela FAI e deixar às IDF papel acessório. O autor relembra que a FAI bombardeou o Líbano, em julho de 2006, atingindo alvos em todo o país. Os ataques destruíram sedes do Hezbollah, como bases (QGs), depósitos de armazenagem de mísseis e armamentos, além de linhas de comunicação (*e.g.* a ponte em Damour – capa da obra) e de locais de lançamento de foguetes. Dois mil e setecentos alvos foram atingidos durante essas operações aéreas.

À época, o Ministro da Defesa, Amir Peretz, admitia a probabilidade de ampla ofensiva terrestre. O então Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, dizia que uma ação terrestre de Israel significaria uma “escalada muito séria” do conflito. Esse discurso foi em vão, porquanto o conflito armado foi inevitável. A obra lança luz à campanha militar das IDF, onde o poder aéreo deixou de utilizar um sis-

tema de inteligência fidedigno, por não operar de forma conjunta e não validar o conceito do “observar-orientar-decidir-agir” (O ciclo “OODA” de John Boyd – mentor de teoria do poder atualmente utilizada por muitas forças armadas em comando e controle). Nem a Força Aérea de Israel, tampouco o Grupo Hezbollah angariaram o completo “Domínio Aéreo” ao longo dos trinta e quatro dias de um típico conflito armado assimétrico. Para William Arkin, a guerra ocorrida entre as Forças Armadas de Israel e o Partido Hezbollah, no Líbano – um notório “estado dentro de estado” – seria novo “paradigma” a observar em guerras de “quarta geração” do século XXI.

Com efeito, a tendência do emprego do poder aéreo levantará, em longo prazo, questões polêmicas quanto à sua eficácia nesse novo tipo de guerra. O Direito Internacional Humanitário e a mídia internacional continuarão a contestar, cada vez mais, os efeitos colaterais do poder aéreo em civis e bens imóveis, quando for ineficaz. Certos elementos poderão questionar o “dilema da segurança” em sua essência e levar ao judicioso exame antes de se optar pelo emprego bélico do poder aéreo. Atinente a esse aspecto peculiar do uso da arma aérea, o autor apresenta uma lista de documentos e analisa decisões de escalões superiores. Essas autoridades competentes responsabilizam-se, em última instância, pelos efeitos desejados levados a cabo em determinada campanha aérea (*e.*, quando não atingidos esses efeitos colimados, pela sua ineficácia). O Doutor William Arkin anota, de maneira brilhante, que a “falha” do Poder Aéreo Israelense, naquele breve conflito armado, não foi em prometer demais ou, mesmo em não conseguir cumprir com o prometido. Em contrapartida, o que houve foi uma falha na Grande Estratégia de aplicação de força (ou da violência organizada) contra o terrorismo. Ademais, o autor assegura que esse conflito Israel-Hezbollah demonstra e justifica a nítida transição necessária do modo convencional de travar guerras para uma transformação real e totalizante.

No futuro, o autor assevera que novos modos de combate serão necessários na luta contra o terrorismo. Nesse ponto, Arkin relembra uma questão primordial: “Israel certamente falhou em sua narrativa eficaz da história militar e do poder aéreo”.

Sob essa ótica, o livro demonstra que o poder aéreo tornou-se, desafortunadamente, o verda-

deiro derrotado na imprensa e em relatórios emitidos pós-conflito.

No âmago do novo paradigma, emerge a dúvida se um “Poder Aéreo Assimétrico” poderá, futuramente, desmobilizar e vencer todo e qualquer inimigo (estatal ou não) em guerras irregulares e, sobretudo, em conflitos armados assimétricos.

Na introdução, Arkin afirma que se trata de um “livro de estudo rápido”. Apesar de célere, a parte “Poder Aéreo contra Terrorismo” inova nas boas conclusões do autor e a obra, de modo global, mostra-se fiel à metodologia apontada na parte introdutória.

Nessa campanha militar “relâmpago”, o autor sustenta, com razão, que o poder aéreo foi o “que muito perdeu”. Essa avassaladora derrota da FAI ocorreu por razões sistêmicas. As IDF não empregaram um sistema de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento (ISR) eficaz e falharam no planejamento e execução das Operações Baseadas em Efeitos (EBO)¹ de modo parcimonioso e fidedigno.

Possivelmente, a parte menos satisfatória do livro é a falta de análise eficaz dos centros de gravidade estratégicos e operacionais, assim como do emprego conjunto do poder aéreo e de forças es-

peciais, retratando, com visão crítica, uma plausível opção às guerras similares àquela que Israel enfrentou, no Líbano em 2006, contra o Hezbollah.

Àqueles que se interessem pelo modo como o poder aéreo deverá confrontar inimigos similares no futuro, seja por força do *métier* em que atuam² ou pela mera simpatia pela temática, devem cogitar a aquisição dessa magnífica obra, concordem ou não com Arkin, e efetuar a fluida leitura que se perfaz em *Divining Victory*³.

Mauro Barbosa Siqueira – Coronel Aviador
Chefe do Centro de Estudos Estratégicos
da Universidade da Força Aérea Brasileira

Notas

1. EBO significa *Effect Based Operations*. O conceito de “Operações Baseadas em Efeitos” apresenta, atualmente, influência significativa e notória na Arte Operacional (também designada em outras forças armadas, como Projeto Operacional ou Estratégia Operacional) e, da mesma forma, na *Network Centric Warfare* (NCW), que significa “Guerras Rede-Cêntricas”.

2. São os intitulados profissionais do emprego do poder aéreo.

3. *Divining victory: airpower in the 2006 Israel-Hezbollah war.*